Traduções

Novas Perspectivas da Fenomenologia

Contra Neutralitatem: uma introdução opinativa ao problema da Metafísica na fenomenologia de Husserl[1]

Contra Neutralitatem*: an Opinionated Introduction to the Problem of Metaphysics in Husserl's Phenomenology*

DOI: 10.12957/ek.2022.71754

Daniele De Santis[2]

Charles University – Prague

daniele.desantis@ff.cuni.cz

Tradução e notas: Deborah Moreira Guimarães[3]

Revisão técnica: Gabriel Lago de Sousa Barroso[4]

RESUMO

O presente artigo irá mapear o desenvolvimento do conceito de metafísica no pensamento de Husserl, desde o início até o fim de sua carreira. Ao contrário de uma interpretação muito difundida segundo a qual a "neutralidade metafísica" de Husserl significa que sua fenomenologia nada tem a ver com o que se chama de "metafísica", aqui a principal afirmação avançará no sentido de que a ambição última da fenomenologia de Husserl sempre foi fornecer uma nova fundação para a metafísica.

[1] Agradecemos ao Prof. Dr. Daniele De Santis a autorização para publicar a tradução de seu texto originalmente intitulado *Contra Neutralitatem: an Opinionated Introduction to the Problem of Metaphysics in Husserl's Phenomenology* na Revista Ekstasis. Os direitos de publicação desta tradução foram concedidos pelo próprio autor à revista Ekstasis, à tradutora e ao revisor.

[2] Daniele De Santis é graduado em Filosofia pela Universidade de Roma I "Sapienza", e doutor pela Universidade de Roma II "Tor Vergata". Lecionou na Universidade de Seattle, USA, por cinco anos (2012-2017). Desde 2013, ele é um dos cofundadores e principais organizadores da Venice Summer School em Fenomenologia. Ele se uniu ao departamento de Filosofia e Estudos Religiosos da Charles University Prague em 2018. Atua também como editor associado do Anuário de Fenomenologia e Filosofia fenomenológica da Routledge.

[3] Pesquisadora de pós-doutorado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), bolsista da FAPERJ. E-mail: *deborahmoreiraguimaraes@gmail.com*.

[4] Pesquisador associado no Instituto de Filosofia da Universidade de Wuppertal e pesquisador de pós-doutorado no Arquivo Husserl em Leuven. E-mail: *lagobarroso@gmail.com*.

Portanto, serão identificadas duas fases que caracterizam seu pensamento: uma primeira fase na qual a metafísica desempenha o papel de "filosofia primeira"; e uma segunda fase, na qual a metafísica é, ao contrário, identificada com o que Husserl chama de "filosofia última".
Palavras-chave: Husserl. Aristóteles. Metafísica. Fenomenologia. Filosofia primeira. Filosofia última.

§ 1. A Metafísica é, infelizmente, dita de muitos (excessivos) diferentes modos

A história da pesquisa acadêmica em torno da fenomenologia no século XX, a saber, aquela desenvolvida durante a segunda metade do século passado (e, parcialmente, ainda nos dias atuais), condenou a própria relação de Husserl com o que se chama de "metafísica" a uma alternativa dilacerante. Por um lado, e com base em uma única frase das *Investigações lógicas*,[5] surgiram aqueles que afirmam que a fenomenologia de Husserl é "neutra" em termos metafísicos, tendo assim pouca ou nenhuma relação com preocupações metafísicas (não importando o que isso significaria[6]). Por outro lado, é dito que Husserl pertence a uma "metafísica da presença" abrangente (Derrida, 1967, p. 3-4). Enquanto no caso anterior a questão acerca do que o próprio Husserl entende por metafísica sequer é levantada, no último caso uma concepção completamente alheia é forçosamente imposta a ela, a qual advém, na maioria das vezes, diretamente de Heidegger ou de algumas variações pós-heideggerianas sobre ele (De Waelhens, 1949; Diemer, 1954; Fuchs, 1976; Bernet, 1982). Em ambos os casos, nada é transmitido no que diz respeito à concepção husserliana da "rainha de todas as ciências". Ainda que tenham sido feitas recentemente tentativas importantes de avaliar a metafísica de Husserl (Ghigi, 2007; Sivák, 2015; Trizio, 2019), um estudo completo de suas origens, de seu desenvolvimento e de sua articulação interna é ainda um *desideratum.*[7]

Emiliano Trizio (2019, p. 310) denunciou de maneira adequada a tendência dominante que consiste em avaliar o tema da metafísica no pensamento de Husserl "a

[5] Cf.: HUSSERL, 2001a, p. 177-178, sobre a "falta de pressuposições metafísicas".
[6] Cf.: ZAHAVI, 2003, p. 4; ele fala da "rejeição da Metafísica". Ver: FUNKE, 1972; BENOIST, 1997; CARR, 1999.
[7] Uma contribuição mais recente e fundamental à compreensão do significado de Metafísica em Husserl é: TRIZIO, 2021. Eu concordaria sem qualquer hesitação com sua interpretação.

partir de fora". Nesse sentido, uma distinção preliminar entre diferentes tipos de questões (e subquestões), e diferentes concepções de metafísica, poderia ser útil a fim de evitar qualquer tipo de *paralogismo.*

(A) O sistema da filosofia, como Husserl o trabalha ao longo dos anos, implica uma metafísica (no sentido positivo da expressão, que é determinado pelo próprio Husserl)?

(B) Qual é a própria relação de Husserl frente à metafísica tradicional: clássica (Aristóteles) ou moderna (os sistemas filosóficos pré-kantianos, por exemplo, o de Spinoza)? (Husserl, 2012, p. 189)

(B^{i}) Há algum filosofema ou alguma concepção apropriada à metafísica tradicional (= *B*) que Husserl também inclui *em sua própria metafísica* (= *A*)?

(B^{ii}) Há algum filosofema, alguma concepção ou problema que pertence à metafísica tradicional (= *B*), e que Husserl aborda de modo não-metafísico (≠ *A* and ≠ *B*)?

(C) Há algum aspecto da fenomenologia de Husserl que pode ser considerado "metafísico" em um sentido do termo que não pertence à própria determinação que Husserl faz dele?

Enquanto *C* pode incluir, por exemplo, a discussão do sentido metafísico do idealismo transcendental de Husserl – o que nada tem a ver com *A* – recai sob B^{ii} a questão metafísica de Leibniz acerca da existência de apenas um mundo real. O último, no entanto, Husserl não aborda de modo metafísico, mas, antes, de modo transcendental (De Santis, 2018). O presente ensaio se concentrará exclusivamente no ponto *A*, com a convicção de que Husserl tem uma concepção específica de metafísica que passa por um desenvolvimento que ocorre de maneira paralela àquela de sua compreensão de fenomenologia (da psicologia descritiva a uma forma transcendental de filosofia).

É demonstrado, por uma carta a Peter Wust em resposta ao que este discutiu em seu livro *A ressurreição da metafísica* [*Die Auferstehung der Metaphysik*], de 1920, que Husserl passou a considerar todo o seu empreendimento filosófico *sub specie metaphysicae,* [8] ou, melhor, *sub specie* da fundação de uma metafísica científica (Husserl, 1994b, p. 206).[9] Em oposição ao próprio argumento de Wust de que com a

[8] *NdT.*: sob a espécie da metafísica.
[9] Como enfatiza Husserl no rascunho de sua resposta ao que K. Joël havia dito em seu *Rektoratsrede* [discurso de reitorado], isto é, que a fenomenologia somente aspira ser uma "ciência do espírito" ou, melhor, da "razão estética" (JOËL, 1919, p. 30).

fenomenologia é realizada apenas uma "virada em direção à metafísica" (Wust, 1963, p. 143), Husserl esforça-se para "simplesmente convencer" seu interlocutor "de que desde o início minha filosofia foi e não quis ser outra coisa senão o caminho (*Weg*) em direção a uma metafísica radicalmente autêntica, isto é, uma metafísica verdadeiramente justificada e radicalmente científica (...). Já na preleção inaugural de 1887, defendi a ideia de uma nova metafísica *científica*" (Wust, 1967, p. 30). [10] Devido à impossibilidade de cobrir a *mare magnum*[11] de textos publicados e de manuscritos inéditos de Husserl, irei me deter aqui apenas nos passos mais importantes nas reflexões de Husserl sobre o assunto; ao fazê-lo, espero fornecer um relato unitário preliminar de sua posição sobre a rainha de todas as ciências. Para ser sucinto, a discussão terá como base as seguintes distinções:

(a) Desde o período que precede imediatamente as *Investigações lógicas* até cerca de 1905;

(b) Desde as preleções de 1906-1907 sobre lógica e teoria do conhecimento até a publicação do primeiro volume de *Ideias* (1913);

(c) As preleções de 1923-1924 sobre *Filosofia primeira I* (com foco especial em uma famosa nota de rodapé);

(d) As reflexões menos sistemáticas sobre o que Husserl denomina "as questões supremas e últimas", as quais são explicitamente listadas por Husserl em uma carta de 1932 a seu amigo Gustav Albrecht.

O ensaio será dividido em duas partes: a primeira parte abarcará os pontos *a* e *b,* e a segunda abordará os pontos *c* (o que Husserl chama de "metafísica em um novo sentido") e *d*.

§ 2. *De* Πρώτη Φιλοσοφία[12] *a* Τελευταία Φιλοσοφία[13]

[10] Husserl está se referindo à *Antrittsvorlesung* [preleção inaugural] acerca da obra *Die Ziele und Aufgaben der Metaphysik* [*Objetivos e tarefas da metafísica*] (SCHUHMANN, 1977, p. 22), realizada em 24 de outubro de 1887.
[11] *NdT.:* Maré grande.
[12] *NdT.*: *Proté philosophía* significa "filosofia primeira".
[13] *NdT.*: *Teleutaía philosophía* significa "filosofia última".

2.1. *Metafísica como* Πρώτη Φιλοσοφία[14]

No início dos *Prolegômenos à lógica pura,* Husserl gratifica o leitor com a única discussão detalhada acerca do que a metafísica trata. "Sua tarefa", Husserl afirma, "é corrigir e testar as pressuposições metafísicas não-testadas, na maioria das vezes sequer percebidas, mesmo sendo muito significativas, que fundamentam ao menos todas aquelas ciências que dizem respeito à realidade efetiva [*actual reality*] (*reale Wirklichkeit*)".[15] Caso se trate da questão de quais são tais pressuposições, a seguinte lista seria oferecida:

> Tais pressuposições são, por exemplo, de que existe um mundo externo, que está espalhado no espaço e no tempo, sendo seu espaço, no que concerne ao seu caráter matemático, tridimensional e euclidiano, e seu tempo uma multiplicidade retilínea unidimensional; de que todo devir está sujeito à lei da causalidade, e assim por diante. Essas pressuposições, todas encontradas no âmbito da Filosofia Primeira de *Aristóteles*, são atualmente classificadas sob a rubrica bastante inadequada da teoria do conhecimento (*erkenntnistheoretische*) (Husserl, 2001a, p. 16).

A totalidade do §5 dos *Prolegômenos* lança mão de um conceito de "metafísica" que se subordina ao ponto *A,* e cujas características podem ser apresentadas da seguinte forma:
(I) **A tarefa:** A metafísica corrige e testa as pressuposições das ciências experimentais [*experiential sciences*].
(II) **O tema**: Essas pressuposições dizem respeito à estrutura da efetividade real [*real actuality*], a saber,

- (II^1) Sua *existência* como um mundo externo,
- (II^2) A natureza do *espaço* e do *tempo,*
- E (II^3) a relação entre *devir* [*becoming*] e *causalidade.*

[14] *NdT.*: Filosofia primeira.
[15] *NdT.*: A expressão aqui traduzida como *realidade efetiva* corresponde aos termos *actual reality*, em inglês, que foram empregados pelo autor como tradução da expressão alemã *reale Wirklichkeit*. Se a presente tradução fosse realizada diretamente do alemão, o que não é o caso na medida em que o texto original de De Santis foi escrito em inglês, optaríamos por traduzir *Wirklichkeit* por efetividade, e *reale* por real, o que geraria certo estranhamento em português pois não costumamos empregar a expressão "efetividade real", mas, ao contrário, realidade efetiva. Nesse caso, entendemos que a opção do autor visa enfatizar o caráter efetivo que constitui a realidade, uma vez que o substantivo *Wirklichkeit* é formado a partir da raiz do verbo *wirken*, que significa fazer efeito, agir ou funcionar, entre outras opções.

(III) **Origem histórica:** O que Husserl chama de metafísica remonta à πρώτη Φιλοσοφία[16] aristotélica.

(IV) **Situação atual:** A filosofia é atualmente caracterizada pela confusão entre *metafísica* e *teoria do conhecimento.*

Poder-se-ia argumentar que o que foi listado sob o ponto *A* é caracterizado pela tentativa de elucidar *do que* trata a metafísica, seu *status* e, o mais importante, sua *relação/diferença* em relação à teoria do conhecimento.

Quanto ao *III,* tão logo Husserl, em 1898, reconhece Aristóteles como o pai da metafísica, na medida em que foi ele quem, pela primeira vez, estruturou sistematicamente a ciência chamada de πρώτη φιλοσοφία ou "filosofia primeira": "a ciência dos primeiros princípios e fundamentos (ἀρχαί, αἰτίαι)[17] e todo o ser em geral" (Husserl, 2001b, p. 233). "Como Aristóteles disse, metafísica é 'Filosofia primeira'", uma vez que estuda "o que pertence ao ser em geral" (Husserl, 2001c, p. 11). No entanto, nas preleções *A velha e a nova lógica*, de 1908/1909, a expressão "filosofia primeira" é eventualmente aplicada somente à lógica filosófica (como a "disciplina de entrada da filosofia"). Pois "o termo aristotélico Filosofia primeira – ao qual posteriormente e por razões contingentes foi dado o nome de metafísica – ...diz respeito a uma disciplina diferente" (Husserl, 2003, p. 3). Em seguida (ver 2.2), nós veremos o que aconteceu nesse período e por que a metafísica eventualmente não é mais chamada de "filosofia primeira".

Quando se trata do ponto *II,* a virada da frase "ser em geral" (como *Sein überhaupt* ou *das Seiende in Allgemeinheit*) precisa ser elucidada, uma vez que o próprio Husserl acha ambígua a definição de metafísica como a ciência do ser em geral (Husserl, 2001b, p. 234). De fato, Husserl apresenta a metafísica como o "conhecimento último e mais profundo da efetividade", "a ciência da efetividade καθ'εζοχήν", "o conhecimento último acerca da realidade" (Husserl, 2001b, p. 245). Em 1902, a metafísica ou a filosofia primeira é "a ciência do ser no sentido da realidade", mas também "a ciência do ser absoluto ou das determinações absolutas do ser" (Husserl, 2001c, p. 11; p. 12). Em 1905, a metafísica é "a ciência última da realidade", "a ciência última do ser" (Husserl, 2002, p. 29; p. 35). Mesmo que Husserl esteja plenamente

[16] *NdT.:* Filosofia primeira.
[17] *NdT.*: ἀρχαί (archaí) e αἰτίαι (aitíaí) são termos que designam, respectivamente, princípios e causas.

consciente da distinção entre os domínios ontológicos do real e os do ideal (Husserl, 2001b, p. 234), a identificação de "ser" (*Sein*), "realidade" (*Realität*), "efetividade" (*Wirklichkeit*) circunscreve *prima facie*[18] e, em geral, o ponto *II*.

Entretanto, não devemos esquecer que se a metafísica é a ciência do ser enquanto realidade ou efetividade, ela o é a fim de corrigir as pressuposições de certas "ciências". Como Husserl já havia afirmado nas preleções de 1896 sobre *lógica*: "As ciências necessitam, em primeiro lugar, de uma fundamentação metafísica[19] (Husserl, 2001d, p. 5). É por isso que, usando outro termo que soa aristotélico (*Metafísica,* 1037a, p. 15), Husserl pode se referir à totalidade das ciências empíricas – cujas "pressuposições" a metafísica corrige e testa – enquanto δεύτερα φιλοσοφία[20], "filosofia segunda" (Husserl, 2001d, p. 5).[21] A metafísica é "uma ciência complementar" (*eine ergänzende Wissenschaft*) (Husserl, 2001c, p. 244-245), e "uma disciplina complementar" (Husserl, 2001c, p. 234). Em outras palavras, se tomada *per se* a metafísica é a *ciência da realidade,* ela pode, portanto, ser rotulada de "πρώτη φιλοσοφία" [filosofia primeira] na medida em que tem prioridade sobre aquelas *ciências,* cujas *pre*-suposições [*pre*-suppositions] ela corrige e testa. De maneira correspondente, o adjetivo "πρώτη" [*proté*, primeira] deve ser compreendido em relação às ciências cuja totalidade compõe o que Husserl assim rotula δεύτερα φιλοσοφία [filosofia segunda] (Husserl, 2001d, p. 5). Quais são essas pre-suposições?

Trizio (2019, p. 320-321) tem o grande mérito de ter já esclarecido esse ponto, o qual concerne à "incompletude" das ciências empíricas e "do horizonte temático da metafísica enquanto a ciência que os completa" (Trizio, 2019, p. 319). Como ele explica mais adiante, uma vez que a incompletude consiste na "aceitação acrítica de pressuposições", uma compreensão destas últimas torna-se necessária. A distinção é entre suposições [*assumptions*] implícitas ou tácitas sobre o ser real e hipóteses explícitas com o intuito de dar sentido a grupos específicos de fenômenos: enquanto as anteriores são comuns a todas as ciências, as últimas pertencem às muitas "ciências

[18] *NdT.:* À primeira vista.
[19] Cf.: *Die Wissenschaften bedürfen also fürs Erste einer metaphysischen Grundlegung*.
[20] *NdT.*: *deútera philosophía* significa "filosofia segunda".
[21] Aqui está a passagem de Aristóteles do livro Z: "τούτου γὰρ χάριν καὶ περὶ τῶν αἰσθητῶν οὐσιῶν πειρώμεθα διορίζειν, ἐπεὶ τρόπον τινὰ τῆς φυσικῆς καὶ δευτέρας φιλοσοφίας ἔργον ἡ περὶ τὰς αἰσθητὰς οὐσίας θεωρία: οὐ γὰρ μόνον περὶ τῆς ὕλης δεῖ γνωρίζειν τὸν φυσικὸν ἀλλὰ καὶ τῆς κατὰ τὸν λόγον, καὶ μᾶλλον." *NdT.:* "É por essa razão que estamos também persuadidos a designar as substâncias sensatas, porque a teoria das substâncias sensatas é uma espécie de filosofia natural e segunda: pois não só sobre a matéria é que o físico conhece o físico, mas também sobre a palavra, e assim de modo sucessivo".

individuais" (Husserl, 2001b, p. 246-247) na medida em que elas lidam com "domínios ontológicos particulares" (Husserl, 2001b, p. 233). Nós já estamos familiarizados com o que os *Prolegômenos* dizem; aqui Husserl acrescenta:

• *Suposições tácitas*: Que existe um mundo e uma multiplicidade de coisas, que são parcialmente idênticas e parcialmente diferentes; que as coisas têm propriedades e relacionam-se umas com as outras naquela conexão real chamada de "mútua" ou "efeito recíproco"; que elas se movem e mudam no espaço e no tempo; que todo tipo de devir ou movimento qualitativo é a consequência necessária de uma certa causa, de tal modo que o curso completo do mundo está sujeito à lei unitária da causalidade (Husserl, 2001b, p. 246). Em 1896, ele acrescentou que nada de contraditório existe na realidade (Husserl, 2001d, p. 5).

• *Hipóteses explícitas*: Os gêneros e as espécies diferentes de moléculas e átomos; as muitas espécies em ondas longitudinais e transversais; o éter com suas propriedades incríveis. De modo geral, as leis específicas da física, da química, da fisiologia etc., na medida em que suas leis afirmam ter relação com o mundo real (Husserl, 2001b, p. 247).

Se entendemos Husserl corretamente, a metafísica como πρώτη φιλοσοφία aborda "diretamente" apenas o primeiro tipo (*suposições tácitas*), não ainda o segundo. Em suma, dada uma série de suposições implícitas concernentes ao ser em geral (o qual compõe o que Husserl chama de "metafísica natural" (Husserl, 2001b, p. 245)), as muitas ciências fazem uma série de hipóteses relativas a domínios específicos do ser. A tarefa da metafísica é elucidar e testar (*Klärung und Prüfung*) as primeiras, de modo que as muitas ciências individuais possam revisar as últimas de maneira apropriada. Segue-se que o adjetivo πρώτη não deve ser compreendido cronologicamente, como se primeiramente tivéssemos uma metafísica completa para que as muitas ciências reais começassem a funcionar. Ao contrário; pois a metafísica vem à tona uma vez que as ciências já tenham começado a investigar a realidade de acordo com seus domínios principais; tudo que a metafísica pode fazer e tem permissão para fazer é "completá-las" elucidando de modo retrospectivo suas suposições: "Como parece, a metafísica deve se edificar sobre as ciências experimentais" (Husserl, 2001b, p. 246).[22]

[6] "Die Metaphysik in diesem Sinne, als Wissenschaft von dem, was auf Grund aller Einzelwissenschaften und unter ständiger Benutzung der in der Erkenntniskritik gewonnenen Aufklärungen... von der realen Wirklichkeit endgültig ausgesagt werden kann, folgt allen Wissenschaften selbstverständlich nach"

A metafísica não antecede a δεύτερα φιλοσοφία,[23] e ainda deve ser chamada de *primeira* devido à natureza precisa de seu campo de investigação: τὸ ὄν ᾗ ὄν.[24] É a "totalidade do ser" que ela estuda que torna a metafísica "filosofia primeira"; em contrapartida, uma vez que cada uma das muitas ciências investiga uma porção particular do ser, então não "ἐπισκοπεῖ καθόλου περὶ τοῦ ὄντος ᾗ ὄν",[25] elas devem ser chamadas de "filosofia segunda" (sua *secundariedade* deriva do escopo limitado de sua investigação). A "anterioridade" da metafísica – caso alguém ainda queira manter essa forma de falar – isto é, seu ser πρώτη [primeiro] significa a anterioridade do todo (τὸ ὄν ᾗ ὄν) [o ente enquanto ente] frente às muitas partes nas quais ela é dividida pelas ciências. A partir daí, resulta que a totalidade das ciências empíricas pode ser rotulada unitariamente: δεύτερα φιλοσοφία [filosofia segunda] apenas enquanto é considerada do ângulo da metafísica. É apenas "de modo retrospectivo", a saber, após as ciências já terem investigado todos os diferentes domínios da realidade, e a metafísica já ter elucidado suas pressuposições, que se pode referir à totalidade das *Erfahrungswissenschaften* (no plural) como uma δεύτερα φιλοσοφία (no singular).

Sendo isso reconhecido, deveria estar claro por que a possibilidade da metafísica, isto é, sua realização científica, requer uma teoria preliminar do conhecimento, a qual, consequentemente, não pode fazer quaisquer suposições metafísicas: de fato, apenas se nós em primeiro lugar elucidarmos a relação entre experiência subjetiva e ser em si mesmo (Husserl, 2001b, p. 241-242) a metafísica – como a ciência última do ser ou da efetividade – será possível como um empreendimento científico (em vez de como especulações vazias). Se recorrêssemos à linguagem tardia de Husserl, poderíamos afirmar que somente se a possibilidade de a razão alcançar o ὄντως ὄν [o ente efetivamente] (Husserl, 1970, p. 13) for primeiramente elucidada e corrigida, a metafísica poderá eventualmente ser possível como uma ciência.

É por isso que a fenomenologia das *Investigações lógicas* requer a demasiadamente famosa ou infame "falta de pressuposições metafísicas"; isso é assim

(Husserl 1979, 168-169). *NdT:* "A metafísica nesse sentido, enquanto ciência do que pode ser definitivamente afirmado sobre a efetividade real em razão de todas as ciências individuais e usando constantemente os esclarecimentos obtidos na crítica do conhecimento, segue evidentemente todas as ciências" (Husserl, 1979, p. 168-169).

[23] *NdT.*: Filosofia segunda.

[24] *NdT.*: O ente enquanto ente, o ser enquanto ser.

[25] *NdT.:* "Não investiga o todo sobre o ser enquanto ser".

não porque a *fenomenologia* não tenha nada a ver com a metafísica (como é muito frequente e erroneamente afirmado na literatura secundária), mas porque, sendo uma teoria do conhecimento consistente uma condição para a metafísica, ela não pode pressupor a última de forma alguma. Em suma, trata-se do *objetivo* específico do livro (uma elucidação da própria possibilidade do conhecimento) requerer que o fenomenólogo seja neutro em termos metafísicos.

2.2. *Metafísica como* Τελευταία Φιλοσοφία[26]

Como se poderia facilmente pensar, a concepção de metafísica como πρώτη φιλοσοφία mudará conforme Husserl desenvolve sua fenomenologia. De fato, à medida que a fenomenologia vem lentamente assumindo o posto de πρώτη φιλοσοφία, uma posição diferente terá de ser atribuída à "metafísica". Nesse sentido, os anos cruciais são 1905-1907.

Se em 1901 a fenomenologia trata de "um domínio de pesquisa neutro", isto é, aquele da experiência lógica, e a sua tarefa é elucidar a fonte dos conceitos gnosiológicos fundamentais sobre cuja base a lógica pura pode se edificar (Husserl, 1901, p. 4), em 1902/1903 a teoria do conhecimento (como a elucidação da essência do conhecimento) coincide *prima facie* [à primeira vista] com a fenomenologia em si mesma (Husserl, 2001b, p. 76). No entanto, já em 1905, esta – que é ainda uma "disciplina" (Husserl, 2002, p. 49) e não ainda uma ciência – é compreendida como a "análise essencial abrangente da consciência" (Husserl, 2002, p. 57) de acordo com a distinção crucial entre experiência ética, teorética e axiológica (Husserl, 2002, p. 42).

Em 1907, a fenomenologia finalmente se torna uma ciência dos fenômenos reduzidos (Husserl, 1999, p. 64). E embora seja apenas em 1913 que uma concepção de fenomenologia seja elaborada como "a ciência fundamental da filosofia" (Husserl, 2014, p. 3), já em 1909 ela receberia o nobre título de filosofia primeira, usurpando assim a posição da metafísica:

> Como a doutrina essencial dos fenômenos puramente dados, a fenomenologia... justifica em si mesma sua existência [*hat… ihre eigene Berechtigung*], assim como quaisquer outras ciências. Entretanto, e na medida em que é filosofia primeira no sentido mais rigoroso, [a

[26] *NdT.*: Filosofia última.

> fenomenologia] ocupa uma posição bastante peculiar frente a todas as outras [ciências]: de fato, é a partir dela que todas as outras ciências recebem sua elucidação última acerca do sentido de suas operações (Husserl, 2005, p. 92).

Se a questão é o que "primeiramente" significa *filosofia primeira* na frase como um rótulo para a fenomenologia, deve-se recorrer às preleções *Filosofia primeira,* de 1923. Como é explicado no momento inicial, a expressão "filosofia primeira" foi cunhada por Aristóteles para significar o que mais tarde viria a ser acidentalmente chamado de "metafísica".

> Ao reviver o termo em seu sentido aristotélico, eu depreendo do fato de que tem caído em desuso a vantagem altamente bem-vinda de que desperta em nós apenas o seu significado literal... Esse significado literal uma vez serviu... como a indicação formal preliminar da intenção teórica que a nova disciplina, cujo tema seria apenas mais tarde definido mais precisamente, esperava levar a cabo. Essa indicação formal preliminar também pode nos servir de modo bastante admirável, por mais que a ciência à qual nossas preleções foram dedicadas se afaste da Filosofia Primeira aristotélica em seu assunto. Por essa razão, nós assumimos o termo "Filosofia primeira" e o tornamos o ponto de partida para as nossas considerações iniciais (Husserl, 2019, p. 3).

A *filosofia primeira* husserliana foi completamente dissociada da *filosofia primeira* aristotélica. Não somente a fenomenologia não é metafísica; mas, o que é o mais importante, a metafísica não deve mais ser considerada πρώτη φιλοσοφία.[27] Husserl distingue dois significados para o adjetivo "*primeira*".

(Primeira - 1) Caracteriza uma filosofia que é primeiramente "em si mesma": "enquanto as outras, as filosofias 'segundas', representariam meramente os passos preliminares necessários, por assim dizer, a antecâmara daquela santidade suprema."

(Primeira - 2): Porém, Husserl também fala de "uma disciplina científica de inícios": "essa disciplina teria que preceder todas as outras disciplinas filosóficas, fundamentando-as tanto metodológica quanto teoreticamente" (Husserl, 2019, p. 4-5).

Enquanto o primeiro significado de *primeira* é o que ele usou para se referir à metafísica enquanto πρώτη φιλοσοφία,[28] o último é próprio à fenomenologia. Sendo

[27] *NdT.*: Filosofia primeira.
[28] *NdT.*: *Idem*.

isso reconhecido, como temos que caracterizar a metafísica se a *fenomenologia* é agora filosofia primeira, e o sentido do termo *primeira* mudou?

A fim de abordar tal questão, nós deveríamos primeiramente levar em consideração a re-elaboração que o conceito de metafísica sofre em *Introdução à lógica e à teoria do conhecimento*, de 1906. A metafísica é aqui a "ontologia radical, a ciência do ὄντως ὄν",[29] "a ciência definitiva do ser", cuja aspiração é "satisfazer os nossos interesses mais elevados e últimos pelo ser e... investigar o que deve ser considerado efetivo em sentido último, definitivo" (Husserl, 2008b, p. 96-97)

> Essa ciência radical do ser, a ciência do ser em sentido absoluto, é a metafísica. Naturalmente, ela surge por meio de uma certa investigação crítica do significado e do valor últimos das fundações teoréticas das ciências empíricas, elucidando-os e em última instância assegurando-os. Se essa crítica tiver sido levada a cabo, é possível então determinar qual interpretação de ser se prova verdadeira e definitiva. Portanto, a metafísica é obviamente uma ciência relacionada às outras ciências da realidade, já pressupondo-as (Husserl, 2008, p. 96)

A introdução do termo ontologia ao lado dessa descrição se adequa perfeitamente à concepção de metafísica como filosofia primeira:

(i) Ela é a ciência última do ser (seja como *Realität* ou como *Wirklichkeit*).
(ii) Ela tem uma função crítica;
(iii) Ela pressupõe as ciências da realidade.

No entanto, tal metafísica seria mais bem descrita como uma "metafísica material" que deve ser mantida separada do que ele rotula aqui como "metafísica formal", a saber, "a ontologia a priori do real" (Husserl, 2008b, p. 102): "Esta [última] (...) é uma metafísica a priori, aquela é uma metafísica a posteriori. A [última] precede todas as ciências empíricas; a [anterior] surge após todas as ciências empíricas" (Husserl, 2008b, p. 99). Husserl a chama de "metafísica formal" – a qual seria aquela que mais tarde ele daria o rótulo de ciência eidética ou ontologia a priori do real. A "metafísica formal" deve ser agora assumida como a tarefa de estudar o que costumava ser o "tema" da metafísica enquanto filosofia primeira (*II*): "conceitos como coisa, propriedade real, relação real, estado, processo, vir a ser e falecer, causa e efeito, espaço

[29] *NdT.*: […] A ciência do efetivamente ente.

e tempo, que parecem pertencer necessariamente à ideia de uma realidade" (Husserl, 2008b, p. 98).

Se a *metafísica material* surge após o trabalho das *ciências empíricas,* o qual por sua vez pressupõe o trabalho da *ciência eidética do real,* o qual por sua vez está enraizado na *fenomenologia* compreendida como *filosofia primeira,* então qual posição a metafísica merece em tal sistema? Como Husserl parece sugerir em 1908 (Husserl, 1956, p. 385), a metafísica (material ou a posteriori) deve ser considerada "a filosofia última" (*letzte Philosophie*). Se nós tivéssemos que moldar um termo similar a πρώτη φιλοσοφία[30] e δεύτερα φιλοσοφία,[31] a inversão da frase τελευταία φιλοσοφία [filosofia última] poderia ser proposta: de fato, o termo grego τελευταία [*teleutaía*] sugere mais diretamente e de uma vez o sentido duplo de *última* tanto como *finalizar* quanto como *completar*.[32]

Para Husserl, a metafísica é *die letzte Philosophie* nos dois sentidos distintos do adjetivo *letzte* [última]*:*

- Vem à tona *por último,* isto é, *no final* do empreendimento filosófico e após a já explicada nova fundação da filosofia, e
- Ela *completa* o sistema de filosofias.

Antes que seja oferecida uma solução ao problema sobre qual seria a *função* da metafísica, poderia ser levantada a questão se há algum antecessor que possa nos ajudar a contextualizar parcialmente a visão de Husserl.

Dada a definição de metafísica como a ciência do ser ou da efetividade, um nome vem à mente acima de todos os outros, a saber, R. H. Lotze (cuja importância para Husserl é bem conhecida). Como Lotze disse, de modo conciso, aos seus alunos em suas preleções tardias, "a Metafísica é a ciência do *efetivo,* não do que é meramente concebível".[33] *Efetividade,* ele continua para explicar, "é o que distingue uma coisa que é de uma que não é; um evento que acontece de um evento que não ocorre; uma relação da qual se obtém de uma relação da qual não se obtém" (Lotze, 1883, p. 8). Ainda que a

[30] *NdT.*: Filosofia primeira.
[31] *NdT.*: Filosofia segunda.
[32] *NdT.*: Respectivamente: *last*, *ending* e *completing*.
[33] *NdT.: Thinkable*, pensável (literalmente) ou concebível.

metafísica de 1841 já apresente esta última como a ciência das "pressuposições gerais... que concernem à natureza do ser" (Lotze, 1841, p. 19), quando se trata da relação Husserl-Lotze, a distinção entre metafísica inicial e tardia precisa ser levada em conta. Enquanto em 1841 os problemas do conhecimento são parte da própria metafísica, no sistema tardio da filosofia, a teoria do conhecimento é a última parte da lógica enquanto a doutrina do pensamento além de "uma entrada" para a metafísica; de fato, apenas se esclarecermos primeiramente a própria possibilidade de o pensamento ter um entendimento do ser, a metafísica pode ser desenvolvida com sucesso.

Como a ciência do "ser" ou da "efetividade" (*Wirklichkeit*) em geral, "a metafísica" inclui três subdisciplinas (Lotze, 1883, p. 7):

Metafísica		
Ontologia	**Cosmologia**	**Psicologia**
A investigação das "pressuposições *mais* gerais, aquelas que concernem à natureza de *todas* as coisas e à possibilidade de sua conexão": *ser*, *vir a ser* e *existir*.[34]	A investigação das "formas, nas quais os elementos isolados da efetividade são conectados em um *todo ordenado*", isto é, *espaço, tempo* e *movimento*.	A investigação das relações efetivas que se mantêm entre o mundo objetivo e o mundo do espírito.

Como Lotze escreve reiteradamente, o tema da metafísica é uma série de "pressuposições" (*Voraussetzungen*) universais, isto é, trata-se daqueles "conceitos" e "proposições" que subjazem tanto à nossa "vida cotidiana e quanto às ciências particulares" (Lotze, 1883, p. 2).

Nesse sentido, a introdução ao segundo volume do *Sistema da filosofia* nos é crucial. Aqui, Lotze não apenas descreve a própria tarefa da metafísica como aquela de "elucidar" e "testar" (*Prüfung*) tais "pressuposições" (Lotze, 1879, p. 13) e "suposições" (*Annahmen*) (Lotze, 1879, p. 14), mas também se detém extensivamente na relação entre a metafísica e as ciências. No §VI, Lotze explica que, contrariamente ao que costumava sustentar no passado, a metafísica não "demostra quaisquer das leis

[34] *NdT.:* Respectivamente, *being*, *becoming* e *effecting*.

especiais, as quais o curso das coisas *de facto* seguiria em suas várias direções". Nesse sentido, a metafísica não precede o trabalho das ciências: ela diz respeito apenas às condições universais ou aos princípios universais capazes de estabelecer "a conexão vinculada à lei universal dos vários fatos" (Lotze, 1879, p. 8-9). Entretanto, a metafísica continuará a "exigir que os resultados a que a experiência chega admitam ser assim interpretados (*so interpretieren*), tendo em vista se adequarem a essas formas ideais e serem inteligíveis como casos de sua aplicação (Lotze, 1879, p. 10).

Com base nisso, e sem discutir o monismo metafísico de Lotze, uma objeção poderia ser feita tendo em vista que, se a sua definição de metafísica como a ciência da efetividade corresponde a ambos os pontos *A* e *B,* aquilo de que ela trata (a conexão de coisas e sua alteração; o caráter do espaço e do tempo; assim como os princípios da causalidade) corresponderia apenas à concepção-*a* de metafísica, não à concepção-*b.* Devemos relembrar que, por volta de 1906, Husserl começa a diferenciar a metafísica a priori da a posteriori (ver Husserl, 1988, p. 182; p. 227-228), e que, enquanto o tema do que costumava ser a metafísica como uma filosofia primeira é atribuído à primeira, a função desta última ainda não está evidente.[35]

Nós somos, portanto, reconduzidos à nossa questão: qual é a tarefa da τελευταία φιλοσοφία? Aqui também Husserl é bastante "Lotziano".

No manuscrito de 1908, citado acima, Husserl cita Lotze de modo implícito quando sustenta que a investigação fenomenológica transcendental da consciência (teorética, avaliativa, volitiva) torna possível "uma metafísica teleológica, a verdadeira 'reconciliação da concepção mecânica de natureza com a concepção teleológica'" (Husserl, 1956, p. 382). Embora não seja fácil afirmar o que Husserl propriamente quer dizer com "metafísica teleológica", [36] ou como ela deveria ser realizada, a afirmação está alinhada àquilo que ele exigirá em ambas as suas preleções de 1911 sobre ética, e a *Introdução à filosofia*, de 1916-1920.

[35] Observemos que tal distinção não é fácil de retroprojetar em *a* (metafísica como filosofia primeira). Se, por um lado, dizia-se que a metafísica se baseava em ciências experienciais – de modo a exibir um caráter *a posteriori* no sentido de *b* (metafísica como filosofia última) – por outro lado, parece que seu tema teria que ser caracterizado como *a priori* no novo sentido.

[36] Como já fica evidente, optamos pelo adjetivo τελευταία [teleutaía / última] também porque ele implica uma referência ao τέλος [télos – finalidade, fim]. Acrescentemos também que, como para Lotze, a explicação teleológica não faz parte da metafísica, mas da última parte do sistema – aquela nunca escrita – sobre filosofia estética, prática, religiosa (Lotze, 1885, p. 116-118).

Nas primeiras, Husserl fala em completar o sistema de conhecimento pela *filosofia a posteriori,* "a filosofia do absoluto no a posteriori, a ciência do conhecimento absoluto do ser fático de acordo com seu conteúdo de valor teorético, axiológico, prático" (ver Husserl, 1988, p. 177). Na última, ele não apenas reafirmará a distinção entre a ontologia da natureza (Husserl, 2012, p. 96) e a metafísica como a "ontologia a posteriori", "a ciência absoluta da efetividade, o que quer dizer, da efetividade existente dada" (Husserl, 2012, p. 426, p. 427, p. 329); Husserl também enfatizará reiteradamente o caráter teleológico da metafísica com base na nova fundamentação estabelecida pela fenomenologia (Husserl, 2012, p. 209).

Tendo reconhecido isso, as características principais dessa nova concepção de metafísica *(b)*, contra cujo pano de fundo também *c* e *d* logo serão avaliados, poderiam ser resumidas da seguinte maneira:

(I) **A tarefa:** Como τελευταία φιλοσοφία[37], a metafísica fornece um relato "teleológico" do ser fático com base em seu conteúdo de valor tríplice (teorético, axiológico, prático).
(II) **O tema:** Por seu caráter "a posteriori", a metafísica diz respeito à efetividade dada ou à realidade: a metafísica não trata a realidade como uma *ideia* (isso seria a tarefa da ontologia a priori), mas como a única realidade fática.

Consequentemente, a crença de Husserl – por exemplo, em um texto tardio como as *Meditações cartesianas* – que "nas questões últimas e supremas" da metafísica estão incluídos "os problemas *ético-religiosos*" (Husserl, 1960, p. 156) é um desenvolvimento coerente do *eu,* isto é, do conteúdo de valor *axiológico* e *prático* do ser fático, e deve, portanto, ser rastreado até a noção de metafísica desenvolvida durante os anos que precedem imediatamente o lançamento de *Ideias.*

§ 3. *Metafísica em um novo sentido*

Uma nova "configuração" do conceito de metafísica de Husserl pode ser encontrado em uma famosa nota de rodapé ao §26 das preleções de *Filosofia primeira I.*

[37] *NdT.:* Filosofia última.

> Os conceitos e princípios básicos das ontologias são as "pistas de orientação" necessárias para uma fenomenologia universal no estágio mais elevado de uma fenomenologia da razão, ou, de maneira alternativa, para um arcabouço sistemático da problemática constitutiva. Essas pistas de orientação estão relacionadas, por um lado, à *quasi*-região ontológico-formal "objeto em geral" e, por outro lado, às regiões mais elevadas das objetualidades... Tudo isso, então, estende-se às ciências fáticas positivas, na interpretação fenomenológica da qual surgem todas as ciências fáticas em última instância científicas (*letztwissenschaftlichen*), aquelas que são em si mesmas filosóficas, que não mais toleram ao seu lado quaisquer filosofias especiais que aderem a elas. Pela interpretação final (*letzte*) do ser objetivo que é explorado nelas como fato, que lhes resulta mediante a aplicação da fenomenologia eidética, e mediante uma consideração universal de todas as regiões da objetividade em relação à comunidade universal de sujeitos transcendentais, o universo, o tema universal das ciências positivas, assume uma interpretação "metafísica", que significa nada além do que uma interpretação por trás da qual não faz sentido em termos científicos buscar outra. Porém, por detrás dessa interpretação, abre-se no solo fenomenológico uma nova problemática, que não pode mais ser interpretada: aquela da irracionalidade do fato transcendental, que expressa a si mesmo na constituição do mundo fático e da vida espiritual fática – isto é, metafísica em um novo sentido (Husserl, 2019, p. 193-194).

Eis o modo como os argumentos de Husserl precisam ser aqui desdobrados.

• O sistema da filosofia é descrito com base na distinção entre fenomenologia como *filosofia primeira,* as muitas ontologias (*filosofias segundas*) e a metafísica, agora apresentada como a *última interpretação* da efetividade dada.[38]

• Husserl distingue dois significados de metafísica, sendo que ambos aparecem somente ao final da problemática constitutiva: (i) após o estudo já realizado do sujeito transcendental pela fenomenologia enquanto uma "ciência eidética"; (ii) a fundamentação das ontologias acerca do que foi concebido anteriormente enquanto uma filosofia primeira (que é aquilo a que Husserl dá o rótulo de "ontologia concreta" (Husserl, 1997, p. 99)); (iii) o enraizamento da totalidade das ciências positivas na ontologia concreta (filosofias primeira + segundas).

A metafísica como "filosofia última" não consiste simplesmente na fundação da totalidade das ciências positivas, ou, melhor: do ser objetivo investigado por elas através das ciências eidéticas correspondentes; o que é necessário é também "a aplicação da fenomenologia eidética" e a relação para com uma comunidade universal de sujeitos transcendentais. Resumidamente, a *interpretação metafísica* do *ser objetivo*

[38] Quando Husserl chama a metafísica de "filosofia segunda", isso se deve ao fato de ele já ter juntado a fenomenologia e as muitas ciências eidéticas como as duas partes da "filosofia primeira" (Husserl, 1997, p. 177).

de todas as *regiões da objetividade* (= a *efetividade dada*) equivale à sua consideração *sub specie systematis rationis,* como parte do sistema geral da *fenomenologia da razão* compreendida como a fundação já realizada de *ii* e – *via* esta última – também de *iii*.

É nesse ponto que surge um *novo* sentido de metafísica, isto é, que concerne à *irracionalidade* da constituição do "mundo fático". Acredito que esse novo sentido de forma alguma substitui o *antigo,* mas, ao contrário, entrelaça-se a ele.

A fim de compreender do que se trata esse novo sentido, algumas palavras precisam ser ditas acerca do termo "irracionalidade". *Prima facie,* Husserl distingue duas formas de irracionalidade e, consequentemente, duas diferentes formas de "inteligibilidade". A primeira irracionalidade é aquela que nós encontramos no início do empreendimento transcendental, e consiste na "contingência" (*Zufälligkeit*) do mundo fático em si mesmo. Uma primeira forma de "inteligibilidade" lhe é, então, conferida mediante a investigação eidética de todas as suas estruturas a priori; em suma, um nível preliminar de "inteligibilidade" é obtido assim que o mundo fático ou efetivo é investigado como uma *ideia* e em suas invariantes essenciais (= *inteligibilidade ontológica*), de tal modo que sua contingência remonta ao sistema de necessidades eidéticas:

> A tarefa de uma ontologia a priori do mundo real que seja precisamente a descoberta do a priori pertencente à universalidade desse mundo é inevitável, mas, por outro lado, unilateral e não filosófica em sentido final. Tal a priori ontológico... confere, na verdade, ao fato ôntico, ao mundo fático em relação às suas características *contingentes*, uma inteligibilidade relativa, inteligibilidade de uma necessidade evidente de ser, então, assim em virtude das leis eidéticas; mas ela não confere inteligibilidade filosófica, isto é, inteligibilidade transcendental (Husserl, 1960, p. 137).

Evidentemente, o nível mais elevado de "inteligibilidade", o que quer dizer, a inteligibilidade *transcendental*, é obtido mediante a consideração do mundo enquanto uma ideia (com suas estruturas a priori correspondentes) como um correlato do *sentido,* isto é, da inter-subjetividade transcendental e seu sistema de razão (Husserl, 1960, p. 137-138).

É nesse ponto, a saber, no fim do processo transcendental, que uma terceira forma de irracionalidade emerge, a qual a metafísica enfrenta *em um novo sentido*. Após a investigação eidética da subjetividade transcendental, realizada com sucesso; após a explicação da experiência do outro, da inter-subjetividade monadológica e – *via* esta

última – do "mundo fático" como seu único correlato efetivo (De Santis, 2018), aquilo diante do qual estamos confrontados é *este* mundo, marcado por uma série de "irracionalidades" que não podem mais ser descritas de maneira eidética, tampouco transcendental. Isso porque se trata das irracionalidades próprias à *nossa* vida humana e ao *nosso* mundo fático, *aquele no qual vivemos* (como o resultado final do processo constitutivo).[39]

Irracionalidade		
Irracionalidade ontológica	**Irracionalidade transcendental**	**Irracionalidade metafísica**
A contingência do mundo fático e sua inteligibilidade ontológica (o mundo como ideia)	A inteligibilidade transcendental do mundo compreendido como uma unidade de sentido (= correlato da inter-subjetividade transcendental)	*Este mundo* no qual existimos enquanto seres humanos finitos

É apenas contra o pano de fundo dessa concepção tríplice de "irracionalidade" que se pode realmente apreciar a seguinte observação de Husserl:

> A irracionalidade do fato transcendental, que expressa a si mesmo na *constituição do mundo fático* [= *este mundo*] e da *vida espiritual fática* [= *a vida humana* enquanto a vida espiritual faticamente existente].[40]

Como Husserl reconhece, é somente após a inteligibilidade transcendental ter sido conferida ao mundo que "as questões últimas e supremas" se descerram, questões essas que devem ainda ser direcionadas ao mundo" (Husserl, 1960, p. 138). O fato de que essas questões concernem à nossa existência "humana" é mostrado pela famosa carta de 1932 a Gustav Albrecht, na qual Husserl apresenta as "questões metafísicas"

[39] Eu já abordei a distinção entre irracionalidade/racionalidade ontológica e transcendental em: De Santis, 2021; estou atualmente trabalhando em um livro sobre o problema da Metafísica em Husserl à luz de sua confrontação com Heidegger.

[40] Não importa quão perspicaz possa ser a avaliação que Tengelyi (2015, p. 180-191) faz da metafísica de Husserl, a análise completa apoia-se em um equívoco inicial. Ele interpreta erroneamente a expressão "a irracionalidade do fato transcendental" como se ela se referisse à *factualidade* das estruturas do sujeito concreto-transcendental (e à inseparabilidade entre fato e essência que é própria à mônada), em vez de se referir à *factualidade* do mundo dado e da nossa existência humana.

como aquelas que dizem respeito "ao ser último" do eu e do nós "objetificado" como *humanidade*,[41] assim como também dizem respeito à constituição do mundo como *nosso* mundo[42] (Husserl, 1994a, p. 83-84). Em razão da natureza profundamente "irracional" de nossa existência humana, a qual Husserl descreve como uma constante "luta contra as irracionalidades" (Husserl, 2013, p. 482), as questões últimas e supremas geralmente dizem respeito: ao sentido da história, ao nascimento e à morte, a Deus enquanto princípio da teleologia, à possibilidade de uma existência humana autêntica, à facticidade contingente (De Santis, 2020).

É disso que se trata a metafísica *em um novo sentido*, e de forma alguma isso substitui o que nós chamamos de metafísica *no sentido antigo.* Observemos, no entanto, que se Husserl fala de "metafísica em um novo sentido", quando se trata do sentido *antigo* a inversão da frase é "interpretação metafísica"[43] (Husserl não a chama mais de uma "filosofia"): a *interpretação metafísica* da "efetividade dada", a qual leva o sistema do conhecimento a uma *conclusão* ("uma interpretação por trás da qual não faz sentido em termos científicos uma busca por outra"), é seguida por uma série de questões (*metafísica em um novo sentido*) que são vitais precisamente porque concernem a nós, à nossa própria existência humana e ao mundo humano.

Esperamos que o sentido no qual se pode falar de uma concepção unitária de metafísica em Husserl tenha sido mostrado; *unitário* não porque ele nunca muda, mas, ao contrário, no sentido de que ele se desenvolve em um modo que é coerente e consistente com o desenvolvimento de seu projeto fenomenológico. Dito de maneira formal, todas as definições de Metafísica giram em torno da mesma ideia central: a ciência do ser como realidade; a ciência da efetividade καθ'εζοχήν; o conhecimento último da realidade; a ontologia a posteriori; a ciência absoluta da efetividade existente dada. É o sentido de tal *efetividade, realidade* e *ser* que, não obstante, muda à medida que o pensamento de Husserl evolui.[44]

[41] Cf.: […] *letztes Sein des "Ich" und des als Menschheit objektivierten "Wir".*
[42] Cf.: […] *die "Konstitution" der Welt als "unsere".*
[43] Uma expressão provavelmente derivada de Lotze (ver acima: §2.2).
[44] O presente texto é uma reelaboração de ideias originalmente apresentadas em: De Santis, 2022.

Referências bibliográficas

BENOIST, Jocelyn. *Phénoménologie, sémantique, ontologie*. Paris: PUF, 1997.

BERNET, Rudolf. "Is the Present ever a Present? Phenomenology and the Metaphysics of Presence". *Research in Phenomenology*, 1982, p. 85-112.

BOEHM, Rudolf. "Deux points de vue: Husserl et Nietzsche." *Archivio di filosofia*, 1962, p. 167-181.

CARR, David. *The Paradox of Subjectivity*. Oxford: Oxford University Press, 1999.

DERRIDA, Jacques. *La voix et le phénomène*. Paris: PUF, 1967.

DE SANTIS, Daniele. "'Metaphysische Ergebnisse'. Phenomenology and Metaphysics in Edmund Husserl's *Cartesianische Meditationen* (§60). Attempt at Commentary." *Husserl Studies*, 2018, p. 63-83.

DE SANTIS, Daniele. Problemas limite de la fenomenología trascendental: teleología, generatividad, absoluto. *In*: *Guía Comares de Husserl*. Edited by A. Serrano de Haro, M. García-Baró López (forthcoming). Granada: Comares Editorial, 2020.

DE SANTIS, Daniele. *Husserl and the A Priori. Phenomenology and Rationality*. Cham: Springer, 2021.

DE SANTIS, Daniele. The Development of Husserl's Concept of Metaphysics. In: H. Jacobs (Ed.). *The Husserlian Mind*. London, New York: Routledge, 2022, p. 481-893.

DE WAELHENS, Alfons. "Phénoménologie et métaphysique." *Revue philosophique de Leuven*, 1949, p. 366-376.

DIEMER, Alwin. "La phénoménologie de Husserl comme métaphysique." *Les études philosophiques,* 1954, p. 21-49.

FUCHS, Wolfgang. *Phenomenology and the Metaphysics of Presence*. *An Essay in the Philosophy of Edmund Husserl*. Den Haag: M. Nijhoff, 1976.

FUNKE, Gerhard. *Phänomenologie: Metaphysik oder Methode?* Bonn: Verlag Herbert Grundmann, 1972.

GHIGI, Nicoletta. *La metafisica in Edmund Husserl*. Milano: Franco Angeli, 2007.

HUSSERL, Edmund. *Logische Unterschungen. Zweiter Teil*. Halle: Max Niemeyer, 1901.

HUSSERL, Edmund. *Erste Philosophie (1923/24).* Den Haag: M. Nijhoff, 1956.

HUSSERL, Edmund. *Cartesian Meditations*. Tran. by D. Cairns. The Hague: M. Nijhoff, 1960.

HUSSERL, Edmund. *The Crisis of European Sciences and Transcendental Phenomenology*. Tran. by D. Carr. Evanston: Northwestern University Press, 1970.

HUSSERL, Edmund. *Vorlesungen über Ethik und Wertlehre 1908/14*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1988.

HUSSERL, Edmund. *Briefwechsel III. Familienbriefe*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1994a.

HUSSERL, Edmund. *Briefwechsel. IV: Philosophenbriefe*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1994b.

HUSSERL, Edmund. *Psychological and Transcendental Phenomenology and The Confrontation with Heidegger (1927-1931).* Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1997.

HUSSERL, Edmund. *The Idea of Phenomenology*. Tran. by L. Hardy. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 1999.

HUSSERL, Edmund. *Logical Investigations I*. Tran. by J. N. Finlay. London and New York: Routledge, 2001a.

HUSSERL, Edmund. *Allgemeine Erkenntnistheorie 1902/03*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2001b.

HUSSERL, Edmund. *Logik. Vorlesung 1902/3*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2001c.

HUSSERL, Edmund. *Logik. Vorlesung 1896*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2001d.

HUSSERL, Edmund. *Urteilstheorie. Vorlesung 1905*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2002.

HUSSERL, Edmund. *Alte und Neue Logik. Vorlesung 1908/09*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2003.

HUSSERL, Edmund. *Einführung in die Phänomenologie der Erkenntnis. Vorlesung 1909*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2005.

HUSSERL, Edmund. *Lebenswelt. Auslegung der vorgegeben Welt und ihre Konstitution*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2008a.

HUSSERL, Edmund. *Introduction to Logic and Theory Knowledge. Lectures 1906/07*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2008b.

HUSSERL, Edmund. *Einleitung in die Philosophie. Vorlesungen 1916-20*. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2012.

HUSSERL, Edmund. *Grenzprobleme der Phänomenologie*. Dordrecht: Springer, 2013.

HUSSERL, Edmund. *Ideas I*. Tran. by D. Dahlstrom. Indianapolis: Hackett, 2014.

HUSSERL, Edmund. *First Philosophy. Lectures 1923/24*. Tran. by S. Luft, T. N. Neberhaus. Dordrecht: Kluwer Academic Publisher, 2019.

JOËL, Karl. *Die philosophische Krisis der Gegenwart*. Leipzig: Felix Meiner, 1919.

LOTZE, Hermann. *Metaphysik*. Leipzig: Weidmann'sche Buchhandlung, 1841.

LOTZE, Hermann. *Metaphysik. Drei Bücher der Ontologie, Kosmologie, und Psychologie.* Leipzig: Hirzel, 1879.

LOTZE, Hermann. *Metaphysik. Dictate aus den Vorlesungen*. Leipzig: Hirzel, 1883.

LOTZE, Hermann. *Grundzüge der Logik und Encyklopädie der Philosophie. Dictate aus den Vorlesungen.* Leipzig: Hirzel, 1885.

SCHUHMANN, Karl. *Husserl-Chronik*. Den Haag: M. Nijhoff, 1977.

SIVÁK, Josef. *La notion de métaphysique chez Husserl*. Bratislava: VEDA, 2015.

TENGELYI, László. *Welt und Unendlichkeit. Zum Problem phänomenologischer Metaphysik.* Freiburg, München: Karl Alber, 2015.

TRIZIO, Emiliano. "Husserl's Early Concept of Metaphysics as the Ultimate Science of Reality." *The New Yearbook for Phenomenology and Phenomenological Philosophy*, p. 309-329, 2019.

TRIZIO, Emiliano. *Philosophy's Nature: Husserl's Phenomenology, Natural Science, and Metaphysics.* London, New York: Routledge, 2021.

WUST, Peter. *Die Auferstehung der Metaphysik*. Hamburg: Felix Meiner, 1963.

WUST, Peter. *Leben und Werk*. Münster: Verlag Regensberg, 1967.

ZAHAVI, Dan. Phenomenology and Metaphysics. *In*: *Metaphysics, Facticity, Interpretation. Phenomenology in the Nordic Countries*. Edit.: Sara Heinämaa, Hans Ruin, Dan Zahavi, p. 3-22. Dordrecht, Boston, London: Kluwer Academic Publisher, 2003.

Recebido em: 22/09/2022 | Aprovado em: 12/12/2022